

O vazio pleno na arte intrigante de Lygia Clark

Sonia Lins faz uma homenagem estética à artista plástica, em livro de reminiscências que explica a gênese de suas obras

Artes de Sonia Lins. Editora da Autor, 105 pgs. R\$ 35

Wilson Coutinho

Uma das personalidades mais fortes da arte brasileira, a mineira Lygia Clark, que morreu no Rio em 1988, aos 67 anos, continha a intrigar devido a uma obra complexa, que também é popular. Na última Bienal Internacional de São Paulo, um dos lugares mais visitados era o espaço destinado a ela. As pessoas mexiam nos seus *bichos* — peças metálicas articuladas que mudam de forma quando manipuladas — ou usavam seus equipamentos de sensações como se fossem, elas próprias, criadoras de arte.

Lygia tinha consciência disso. Ela disse, um dia, que gostaria que seus *bichos* fossem vendidos em série, e que as pessoas se utilizassem deles como brinquedos. Quando Lygia passou a trabalhar com o corpo, o psicanalista Hélio Pellegrino entendeu que ela fazia do homem uma obra de arte.

O talento imenso da artista agora recebe uma outra homenagem: a de sua irmã, Sonia Lins, em forma de livro. "Artes", à venda na Galeria Joel Edelstein, não é uma mera colheita de reminiscências infantis, descrevendo as peraltices de uma menina em Belo Horizonte. "Artes", que tem o sentido de artimanhas ou o de fazer algo provocante, embora descreva cenas e conte anedotas daquele período da vida da artista, é também um jogo tipográfico em que as jabuticabas do quintal da casa da família são representadas por círculos formados pela palavra, os quais remetem aos poemas vanguardistas do final dos anos 50.

Ainda utilizando este artifício, Sonia Lins descreve uma cena familiar, cuja forma é de uma fechadura; ou então alguns capítulos de suas memórias são escritos em pequenos quadrados, centrados na página. O livro é, por isso mesmo, chamado de "dístico" pelo prefaciador, o crítico de arte inglês Guy Brett, um embalador da arte brasileira na Europa. O que parece é que a "memorialista" quis lembrar a irmã prestando-lhe uma homenagem que fosse também estética, tudo isso uti-

lizando-se de um material artístico presente na literatura vanguardista brasileira, na época em que Lygia iniciou sua carreira.

Quando chegou ao Brasil em 1952, depois de ter estudado em Paris com Léger, Lygia encontrou um ambiente agitado culturalmente. Uma arte abstrata, de formas geométricas, começava a ser um parâmetro. O construtivismo, especialmente o russo, parecia apto a captar com mais contundência a modernidade brasileira, numa época dominada pelo figurativismo social de Portinari. Lygia participou do grupo Frente e assinou, mais tarde, o manifesto neoconcreto. Num movimento em que brihavam artistas como Amílcar de Castro e Hélio Oiticica, Lygia se distinguiu por ter criado o que ela designava como "linha orgânica".

O avesso do corpo, um prélio de vários andares

O livro de Sonia Lins não é uma explicação histórica da obra da irmã, nem pretende situá-la em nossa arte. Mas dá informações úteis sobre como alguns trabalhos talvez tiveram seu berço. Assim, quando ela fez "A casa é o corpo", em 1967, obra tátil, sensorial, usando o que os psicanalistas chamam de "fantasmática do corpo", Sonia se lembra que na infância o pai comprou os 18 volumes da coleção "Tesouro da Juventude". Lygia, mexendo nos livros, decidiu fazer uma monografia sobre as funções do corpo humano. Construiu um avesso do corpo, como se fizesse um prélio de vários andares, chamando-o de "A casa do Chico". Chico é, também, uma expressão popular para significar menstruação, sabida pela professora que recusou o trabalho.

Para a alegria de Lygia, "Ela chegou em casa economizando palavras, a idéia do corpo invadindo a própria cabeça: a casa do Chico, a casa é o corpo, o corpo é a casa", escreveu a irmã. Não é à toa que a obra de Lygia está encharcada de metáforas fantasmáticas do corpo feminino, idéias de gestação, ovulação, gravidez e parto. Falando de sua arte, em 1969, numa carta ao crítico Mario Pedrosa, Lygia dizia: "Tomel consciência de que, na medida em que quase todos os artistas,

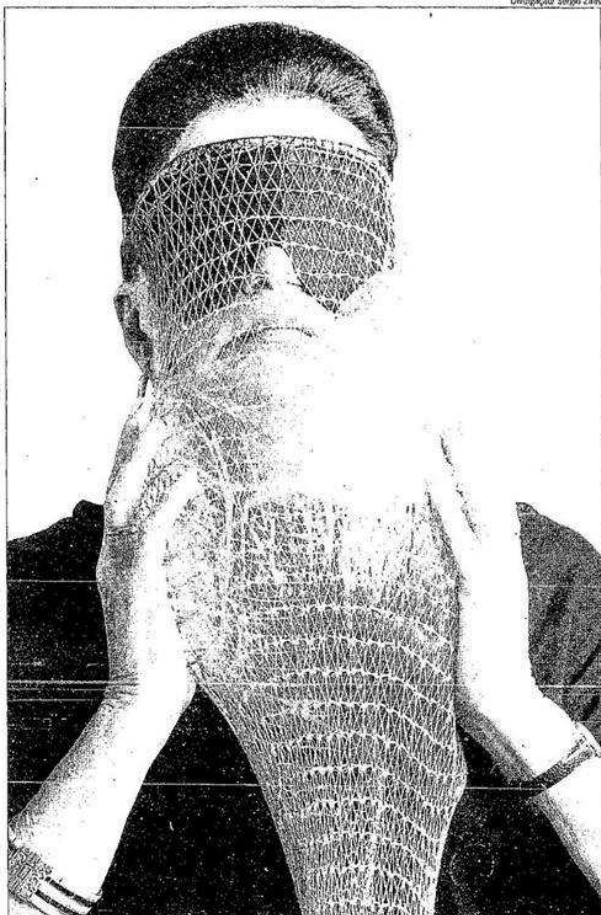
hoje, se motivam a si mesmos num processo de grande extroversão, eu, solitária, engulo, cada vez mais, num processo de introversão, para depois fazer a ovulação, que é miseravelmente dramática, um ovo de cada vez. Depois é o engolir novamente, introverter-se até quase à loucura, para botar um único ovo, que nada tem de inventado, mas sim gerado... Loucura? Só sei que é minha maneira de me amarrar ao mundo, ser fecundada e ovular".

Em 1974, quando dava um curso na Sorbonne, Lygia escreveu uma carta à irmã, onde criava um Gênesis totalmente feminino: "No começo do mundo era o céu um gigantesco sexo de mulher. O Sol parece copular esse sexo e daí nasceu a Lua. Os grandes orgasmos do sexo da grande mulher eram trovões e raios, e a chuva nasceu caindo sobre a superfície onde nada existia. A terra começou a se organizar, as chuvas formaram oceanos, o grande sexo desapareceu e o espaço foi criado". No final da vida, Lygia já não fazia arte e denominava-se "não-artista". A "não-arte" dela era uma terapia corporal, que ela julgava que podia ajudar em casos limites de neurose, mas que parecia ser mais uma experiência sensorial para libertar o corpo.

E mais: era de uma sensualidade imprevisível na arte brasileira, com seus *bichos*, os seus *trepanos*, esculturas feitas com borra-cha, ou a sua *balda antropodológica*, uma experiência quase ritualística, com um fio que passava de em boca em boca e com o qual os participantes sentiam a experiência do próprio corpo.

As obras da artista, algumas refeitas e que permanecem em registros fotográficos, como as realizadas em Paris, mostram um momento radical e único da arte brasileira. Lygia talvez não desejasse que seu trabalho permanecesse confinado a uma vaga eternidade. Quando fez uma luva com material áspero, procurando fazer renascer o tato, declarou-o que seria uma provável lógica de sua arte. "Vazio pleno, que no mesmo momento de existência começa a desaparecer. Só o instante é vida". ■

WILSON COUTINHO é jornalista e crítico de arte



LYGIA CLARK e uma de suas criações: "Os artistas se motivam num processo de extroversão; eu engulo cada vez mais"

Labirinto literário que retrata o fim do milênio

Em seu terceiro livro, Jorge Salomão cria novo mosaico, quebrando as barreiras entre prosa e poesia



JORGE SALOMÃO volta a misturar prosa e poesia em "Campo da América"

Campo da América Jorge Salomão. Editora Gryphus • 106 páginas • R\$14

Antonio Carlos Miguel

Ficção experimental, prosa poética, delírio? "Campo da América", terceiro livro do poeta, compositor, performático e agitador cultural Jorge Salomão é tudo isso e um pouco mais. Num texto alucinado, sem capítulos, de um fôlego só — que, no formato, lembra a escrita automática dos surrealistas — Salomão oferece um retrato do mundo contemporâneo neste fim de século e milênio.

Apesar de ser narrado na primeira pessoa, "Campo da América" não segue uma narrativa linear. Fragmentos urbanos, o fluxo da consciência, registro de sonhos, palavras de ordem ou textos que parecem ter saído de um diário pessoal se alternam como um mosaico literário.

Não por acaso, seu primeiro livro, lançado em 1994 pela mesma editora Gryphus, chamava-se "Mosaical". Mas "Campo da América" lembra mais e pode ser entendido como uma continuação

do livro anterior, o segundo: "O olho do tempo" (1995).

O autor, um baiano de Jequié, com passagens por Salvador, São Paulo e Nova York, que completará 50 anos em novembro, sempre esteve ligado à literatura. Em 1972, foi um dos "tripulantes" da "Navilouca", uma revista de poesia, de edição única, que reuniu concretistas (os irmãos Augusto e Haroldo de Campos e Décio Pignatari), tropicalistas (Torquato Neto, Hélio Oiticica e Caetano Veloso) ou representantes da então nascente "geração marginal" (como Chacal).

Apesar de assinar um dos melhores trabalhos da "Navilouca", o texto "Loucária", Jorge Salomão preferiu experimentar outros campos de expressão. Fez artes plásticas (trocando figurinhas com o amigo Hélio Oiticica); dirigiu e atuou em vídeos (como o auto-referente "Jorgeando"); criou capas de discos (para artistas como Vinícius Cantuária e Dulce Quental); assinou letras de músicas (para o Barão Vermelho, Zizi Possi, Marina); e movimentou as noites cariocas com espetáculos performáticos nos quais

costumava terminar sem roupa.

De volta às letras na década atual, Salomão permanece fiel aos ideais da vanguarda. Seus mestres parecem ser tanto a geração *beat* de Jack Kerouac quanto um demolidor da estrutura narrativa convencional como James Joyce. O resultado não é de fácil leitura, mas oferece prazer a quem se dispuser a enfrentar este quebra-cabeça. O trecho a seguir, com suas imagens cruzadas, é um bom exemplo dos enigmas que o leitor encontrará: "Olho mágico. Rolos de filme. A luz no texto. Quarto rosa sobre a mesa. As pessoas comem lixo. Audição. Visão, furo. Bala perdida. Fuzil AR-15, zoadas e buzinas".

No texto para a orelha, Salomão oferece algumas chaves para seu universo: "Escrevo como faio, com um estilo bossa nova *beat* pop rock internacional. Sequenciamento, balanço e tempo entre as palavras. Gosto de respirar livremente". Ele também cita como referência autores como Sartre, Ezra Pound e Jorge Luis Borges. Mas, para entendê-lo (ou não), a única saída é a entrada neste labirinto. Boa viagem. ■

HISTÓRIAS & ESTÓRIAS
ASSOCIAÇÃO À DISTÂNCIA DE LIVROS E LEM
TUDO QUE QUISER POR APENAS R\$ 22,50
ENTREAMOS A DOMICÍLIO EM TODO O RIO
TEL.: 591-2109
Descontos por assinatura de 6 meses

GLOBO/FAX

UMA SÍNTESE ATUAL DO JORNAL O GLOBO TODOS OS DIAS DURANTE A SUA VIAGEM AO EXTERIOR.

TEL.: (021) 534-5656
FAX: (021) 534-5670

CRACK - O CAMINHO DAS PEDRAS
Marco Antonio Uchôa

Exponente do jornalismo investigativo atual, Marco Antonio Uchôa apresenta o obscuro mundo do crack num livro que vem a ser o primeiro a tratar do assunto no Brasil. Do aparecimento da droga nos EUA até a chegada em nosso país, Uchôa constrói um panorama surpreendente de sua evolução, num relato corajoso, que chama a atenção para um problema de dimensões cada vez maiores.

À venda nas principais livrarias
editora ática
Sempre um convite à leitura.